



RELATO DE EXPERIÊNCIA

AS MODALIDADES DE ENSINO DO PROJETO DE EXTENSÃO “CIÊNCIA POLÍTICA NAS ESCOLAS”

Ana Paula Lima dos Santos¹

André Luiz Coelho²

Dellano Mattos³

Resumo

O objetivo do presente relato de experiência é apresentar os modelos de ensino utilizados pelo Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas, da Escola de Ciência Política, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ao longo do projeto, elaboramos um material didático próprio que aborda os principais temas da Ciência Política e, também, desenvolvemos alguns modelos de aplicação, apoiados na “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1987). Com a pandemia do coronavírus, tivemos que adaptar o método de ensino empregado, sendo necessária a transição para o ambiente virtual e, conseqüentemente, a formulação de novas atividades. Este trabalho utilizou como metodologia as observações das atividades do projeto e do método de ensino empregado, baseando-se também nos relatos dos bolsistas, dos secundaristas e dos professores dos colégios que visitamos. A receptividade nas escolas

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: anaplimacp@gmail.com

² Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (Iesp-Uerj). Professor da Escola de Ciência Política (ECP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: andreluizrj@gmail.com

³ Graduado em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). E-mail: dellanomattos@gmail.com

visitadas, tanto na modalidade presencial como na remota, foi extremamente satisfatória e o nosso compromisso com uma educação transformadora seguiu como a base para o método educacional que desenvolvemos.

Palavras-chaves: Ciência Política nas Escolas. Extensão Universitária. Pedagogia do Oprimido.

The teaching models of the extension project “Political Science in Schools”

Abstract

The objective of this report is to present the teaching models used by the Extension Project Political Science in Schools, of the School of Political Science, of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). Throughout the project, we prepared didactic material that addresses the main themes of Political Science, and we also developed some application models, based on Paulo Freire’s “Pedagogy of the Oppressed” (1987). With the coronavirus pandemic, we had to adapt the teaching method used, requiring the transition to the virtual environment and, consequently, the formulation of new activities. The methodology of this work was the observations of the project activities and the teaching method employed, being based also on the reports of scholarship holders, secondary students and high school teachers. The receptivity in the visited schools, whether in person or remotely, was extremely satisfactory and our commitment to a transformative education remained the basis for the educational method that we developed.

Keywords: Political Science in Schools. University Extension. Pedagogy of the Oppressed.

INTRODUÇÃO

O ensino de Ciência Política em nível secundário é ofertado sob a égide de “Sociologia”, abordando temas pertencentes às áreas relativas a Ciências Sociais. É importante ressaltar, contudo, que alguns conteúdos da Ciência Política não são exclusivos dessa área, podendo ser estudados por outros campos de conhecimento, como Sociologia Política (BORDART; LOPES, 2017).

A partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Médio (BRASIL, 2000), a Ciência Política passou a ser introduzida

de forma transversal no currículo escolar, oferecendo para os estudantes a compreensão de questões políticas clássicas e contemporâneas, nacionais e internacionais. Entretanto, com a implementação da “Formação Geral Básica” do “Novo Ensino Médio” (Lei nº 13.415/2017), a disciplina de Sociologia teve redução da carga horária (BODART; OLIVEIRA, 2022).

Observando a carência do ensino em uma área fundamental para a formação cidadã brasileira e entendendo a responsabilidade social da universidade pública, surgiu o Projeto de Extensão “Ciência Política nas Escolas”, que visa contribuir no processo de formação político-cidadã dos jovens brasileiros. O projeto foi criado em 2015, sendo elaborado pelo curso de Ciência Política, da Escola de Ciência Política (ECP) do Centro de Ciências Jurídicas e Políticas (CCJP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A partir de uma perspectiva interdisciplinar, o projeto desenvolve pesquisas conceituais e metodológicas em diversas áreas da Ciência Política que possuem relação com a formação político-cidadã, como Direitos Humanos, Cidadania e Política no Brasil, Relações Internacionais, Políticas Públicas, Teorias da Democracia, Instituições Políticas, Formas e Sistemas de Governo, entre outras.

No que se refere à responsabilidade social da universidade pública devemos levar em consideração uma das suas principais funções sociais: a contribuição no processo de busca de alternativas e soluções para os problemas da sociedade, auxiliando na produção de políticas públicas emancipadoras e mais participativas (MENDONÇA; SILVA, 2002). Além disso, deve promover ações educativas para a formação de uma cidadania que tenha como objetivo a transformação social; a conquista e a manutenção de direitos individuais e coletivos; e o estímulo ao diálogo contínuo com a comunidade (JÚNIOR, 2013).

Ao desempenhar a função transformadora e de construção do conhecimento, a universidade deve reconhecer que a educação e o ensino não apenas lhe pertencem, devendo oferecer um horizonte intelectual para o

estudante e para a sociedade (SOUSA, 1995). A extensão universitária apresenta-se como fundamental para democratizar o acesso aos conhecimentos gerados dentro da universidade pública. Além disso, possibilita que exista uma troca de valores, conhecimentos e saberes entre a sociedade e o ambiente acadêmico (MENDONÇA; SILVA, 2002; JÚNIOR, 2013). A extensão também se mostra importante na formação dos discentes ao proporcionar um espaço acadêmico que possibilita “a construção dialógica de reflexões e conhecimentos interdisciplinares capazes de transformar visões de mundo” (COSTA; TEIXEIRA; SOUZA, 2019, p. 63).

O processo extensionista viabiliza a introdução, a orientação e a avaliação de reflexões críticas por todos os participantes, tais como os docentes universitários, graduandos e a todos os integrantes da comunidade impactados pelas ações. A universidade, enquanto instituição social educativa, deve produzir um olhar inovador e proporcionar o ensino de diversos saberes, que se encontram para além das grades curriculares, das ementas e da formação técnica (COSTA; TEIXEIRA, SOUZA, 2019). É a partir da extensão universitária que essa tarefa consegue ser concretizada.

O objetivo principal do Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas é oferecer à sociedade um conhecimento mais embasado a respeito das instituições políticas e seus processos, possibilitando a formação de uma cidadania plena, engajada e informada. O cidadão engajado consegue participar mais ativamente dos processos deliberativos, possibilitando a produção de políticas públicas mais condizentes com as demandas e com os problemas presentes na realidade social dos indivíduos (LIMA, 2009). Conseqüentemente, há uma melhora na qualidade de vida a partir do aperfeiçoamento dos serviços ofertados, uma vez que os cidadãos possuem maior capacidade de fiscalizar os atos dos seus representantes (MIGUEL, 2017).

Além disso, o entendimento a respeito dos Direitos Humanos e da Cidadania torna-se fundamental para que o indivíduo reconheça seu papel na sociedade, compreendendo os direitos e deveres que possui vivendo em um sistema democrático. A partir dessa consciência, o cidadão consegue ter maior domínio das ferramentas necessárias para enfrentar o desafio cotidiano de construir uma sociedade mais justa, igualitária, comprometida e participativa.

Nesse sentido, o objetivo do presente relato de experiência é apresentar os modelos de ensino utilizados pelo Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas. Ao longo do projeto, elaboramos um material didático próprio, que aborda os principais temas da Ciência Política. A partir da interface entre ensino/pesquisa/extensão e apoiados na “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1987), desenvolvemos três modelos de aplicação do projeto, com o intuito de apresentar as temáticas de modo didático e acessível para os alunos da rede pública de ensino. Com a pandemia do coronavírus tivemos que adaptar o método de ensino empregado, sendo necessária a transição para o ambiente virtual e, conseqüentemente, a formulação de novas atividades.

Este trabalho utilizou como metodologia o relato das observações das atividades desenvolvidas ao longo do projeto e do método de ensino empregado tanto no período presencial quanto no virtual, baseando-se também nos depoimentos dos bolsistas, dos secundaristas e dos professores dos colégios que visitamos. Tais relatos serão apresentados ao longo do texto, articulando-se com as avaliações das metodologias utilizadas nas escolas visitadas. Na seção seguinte, apresentaremos as diferentes abordagens desenvolvidas pela equipe do projeto.

1 **ATIVIDADES PRESENCIAIS DO PROJETO**

O público-alvo do projeto são os alunos que cursam o ensino médio, principalmente em escolas públicas localizadas no estado do Rio de Janeiro. Além de complementar a formação cidadã de estudantes secundaristas e facilitar a

compreensão acerca dos processos democráticos, o projeto também visa contribuir na formação dos estudantes do curso de Ciência Política por meio da participação nas atividades.

No decorrer do projeto, os professores da Escola de Ciência Política da UNIRIO, em parceria com os, então, bolsistas do projeto, elaboraram um material didático, cujo objetivo era abordar os principais temas da Ciência Política. A ideia era que esse material, desenhado em formato de cartilha, servisse de base para o ensino nas escolas visitadas. Dessa maneira, o material didático foi confeccionado de forma a tornar a linguagem acessível e o conteúdo atrativo para os alunos do ensino médio. Seguindo este mesmo raciocínio, chegou-se à conclusão de que algumas dinâmicas deveriam ser conduzidas pelos próprios graduandos que, enquanto jovens, compartilham da aproximação da idade, do vocabulário mais usual e outras referências cotidianas⁴, possibilitando criar maior identificação com os alunos do ensino médio, atraindo sua atenção e engajamento no projeto.

Também foram desenvolvidas diferentes metodologias para a aplicação do material didático, que variavam conforme o tempo disponível, número de alunos, infraestrutura e outras variáveis presentes nas escolas. Os principais modelos de execução do projeto são: palestra, oficina e minicurso.

O modelo de palestra ocorre de forma mais expositiva e enfática sobre os temas trabalhados no material didático. A apresentação é feita tanto pelos docentes quanto pelos discentes da Escola de Ciência Política da UNIRIO. Em média, possui uma hora de duração e pode ser realizada com públicos grandes. Requer, contudo, um espaço amplo para comportar todos os ouvintes.

Em relação às palestras, foi percebido ao longo do projeto que se trata de uma excelente forma de aproximar a academia dos alunos do ensino médio, possibilitando o contato direto com professores universitários e proporcionando a

⁴O projeto é composto, majoritariamente, por jovens recém-ingressos na graduação em Ciência Política, da UNIRIO. Admite-se a participação a partir do terceiro período de curso, quando já possuem alguma base teórica dos temas abordados.

oportunidade de esclarecer algumas dúvidas, tanto em relação ao conteúdo do que é ensinado sobre Ciência Política no ensino médio como também sobre o ingresso na faculdade e sobre o próprio curso de Ciência Política da UNIRIO. Utilizamos esse modelo de aplicação no Colégio Estadual Dunshee de Abranches, na Ilha do Governador (RJ), no Colégio Estadual Vicentina Goulart, em Nova Iguaçu (RJ), e no Colégio Estadual Nova América, em Duque de Caxias (RJ).

No caso específico do Colégio Estadual Nova América, visitamos a escola em 2018 e dois anos depois fizemos uma entrevista para as nossas redes sociais com a professora que nos convidou e com um aluno que esteve na palestra para saber quais foram as implicações da nossa visita ao colégio e tivemos um retorno muito positivo, como relata Yuri Bastos:

[...] a gente mora bem distante das universidades, não é muito próximo das coisas. Eu sempre gostei também dos debates e das discussões que nós tínhamos na aula de Sociologia, porém é aquilo: ensino médio, então não é todo mundo que *tá* na mesma *vibe*, nem todo mundo *tá* no mesmo foco, então acabava não tendo uma interação da turma inteira. E nesse dia, no dia da visita do projeto, por ser uma universidade, eu acho, acabou gerando curiosidade, acabou despertando nas pessoas a vontade de querer participar de uma maneira que eles não participavam nas aulas normais. Então, eu fiquei bem feliz e à vontade porque era uma participação da escola toda em conjunto (informação verbal).⁵

Por outro lado, algumas vezes a linguagem acadêmica apresentava-se como um empecilho para a absorção do conteúdo pelos secundaristas. Além disso, apenas uma única visita, com somente uma hora de duração, poderia não ser suficiente para explicar assuntos mais complexos. Esse foi o caso do Colégio Estadual André Maurois, no Leblon (RJ). Dessa forma, nesta escola, além da palestra, optamos por inserir o segundo modelo de aplicação do projeto: as oficinas.

⁵Yuri Bastos, ex-aluno do Colégio Estadual Nova América, em entrevista concedida aos integrantes do Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas, em 2020. A entrevista pode ser acessada na íntegra através do seguinte *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=l1-C23houhg>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

As oficinas possibilitam trabalhar o conteúdo do material didático de uma forma mais dinâmica, trazendo autonomia para os alunos na construção do conhecimento. Podem ser caracterizadas como propostas de intervenção pedagógica, que permitem o aprendizado a partir de situações presentes na realidade social. Nesse sentido, as oficinas complementam a educação cidadã dos jovens, tornando-os sujeitos capazes de compreender os processos políticos que possuem impacto na vida cotidiana e se tornem, também, capazes de projetar intervenções sociais, a fim de proporem mudanças e buscarem soluções para os problemas sociopolíticos. As dinâmicas são conduzidas pelos graduandos da Escola de Ciência Política, com a orientação de um docente, e possuem duração média de duas a três horas. Em entrevista realizada com os professores do Colégio Estadual Professor José de Souza Marques, a professora Cláudia Costa pontuou:

[...] é o tipo de conteúdo que nem sempre é prioritário nos currículos escolares e a maneira como o assunto foi... a dinâmica em que a oficina foi feita, eu acho que também facilitou bastante esse momento de reflexão. Esse momento, na verdade, de percepção da realidade [...] eu acho que a maneira como a oficina foi colocada favoreceu essa tomada de consciência (informação verbal).⁶

Para conduzir as oficinas, pesquisamos diversas atividades socioeducativas e as adaptamos para trabalhar as temáticas presentes no material didático. Algumas fontes que utilizamos foram os materiais desenvolvidos pela Secretaria Nacional de Assistência Social do antigo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, pelo Portal Geledés – Instituto da Mulher Negra e pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Além do Colégio Estadual André Maurois, também adotamos essa modalidade no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp -

⁶Claudia Costa, em entrevista concedida ao Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas, em 2020. A entrevista pode ser acessada na íntegra através do seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=7sf0_wKEq8Y>. Acesso em: 22 nov. 2022.

UERJ), no Rio Comprido (RJ), e no Colégio Estadual Professor José de Souza Marques, em Brás de Pina (RJ).

No entanto, as oficinas apresentam a limitação de tempo e do número de participantes. Como a proposta é que todos os secundaristas tenham a oportunidade de falar e compartilhar as experiências, o ideal é que seja realizada com apenas uma turma, não sendo possível contemplar todos os alunos da escola. Além disso, para que todas as etapas da atividade sejam realizadas integralmente faz-se necessário que o tempo mínimo seja de duas horas, podendo se estender para até três horas de duração. Por este motivo, é indispensável que o(a) professor(a) ceda o tempo de aula para a realização da atividade.

Os modelos de aplicação do projeto que pensamos inicialmente também precisaram ser adaptados, conforme a realidade concreta dos alunos e da infraestrutura da escola visitada. No caso do Colégio Estadual Professor Teófilo Moreira da Costa, em Vargem Grande (RJ), o colégio funcionava em um regime compartilhado, concentrando dois níveis de ensino: na parte da tarde recebia os alunos da rede municipal (ensino fundamental) e de noite recebia os alunos da rede estadual (ensino médio). Os secundaristas não conseguiam chegar no horário inicial das aulas por diversos motivos, como falta de ônibus, trânsito intenso e trabalho (alguns trabalhavam de dia e estudavam à noite). Assim que chegavam no colégio, logo se direcionavam para o refeitório para irem jantar. Na prática, o professor possuía apenas duas horas de aula, tendo que se esforçar o dobro para manter a atenção dos alunos, que estavam cansados após um dia exaustivo.

Diante disso, nós estabelecemos uma conversa introdutória que acabou se desdobrando em uma bate-papo sobre os problemas que circundavam sua existência, a relação com os processos políticos e de que forma os alunos poderiam ser agentes de mudança. Apesar de não realizarmos nenhuma atividade socioeducativa, a troca entre os secundaristas e os graduandos possibilitou a

construção mútua do conhecimento e a produção de uma reflexão crítica da realidade material.

A terceira modalidade do projeto é percebida como a ideal para construir um conhecimento político mais embasado. Trata-se do minicurso, que demanda encontros regulares (entre três e quatro), com a duração mínima de uma hora cada. Os dias e horários são combinados com a escola a ser visitada e as aulas são ministradas pelos discentes do curso de Ciência Política, com a coordenação de um docente. Através de encontros que acontecem com maior frequência é possível desenvolver de forma mais aprofundada, o conteúdo do material didático e construir um entendimento que perpassa por várias áreas da Ciência Política.

Entendemos o minicurso como ideal por, nesta modalidade, ser possível elencar mais de um tema para ser discutido com os alunos. O material didático que construímos é dividido em doze temáticas e ao visitarmos alguma escola selecionamos o tema a partir da conversa inicial que temos com o professor anfitrião. O minicurso possibilita desenvolver e mesclar os assuntos a serem abordados, de maneira que haja a construção de uma linha de raciocínio, com o intuito de obter o conhecimento sem se limitar a uma única temática.

Neste modelo de aplicação do projeto tratamos os temas do material didático a partir da discussão introdutória que se estabelece com os alunos. Assim, é feita uma relação entre o conteúdo teórico e a realidade social dos sujeitos, de forma que a compreensão dos temas não fique tão abstrata, mas sim baseada na realidade material. Contudo, este modelo ainda não foi possível de ser executado, pois demanda maior disponibilidade de tempo e a maioria dos colégios estaduais do Rio de Janeiro não possui muita flexibilidade no calendário escolar.

Os três modelos apresentados, especialmente as oficinas e o minicurso, são atravessados pela metodologia de ensino da “Pedagogia do Oprimido”, desenvolvida por Paulo Freire (1987), que se opõe à educação bancária. Na concepção bancária de educação há uma narração de conteúdos que implica em

uma relação em que um fala e o outro escuta. Não há uma troca entre educador e educando; o aluno é visto como um objeto passivo e paciente, enquanto o educador é percebido como o único sujeito capaz de dissertar. O conteúdo apresentado não possui nenhum vínculo com a experiência existencial e, por isso, “a palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante” (FREIRE, 1987, p. 33). Isto significa dizer que se o que é falado pelo educador não possui relação com a realidade concreta, não se traduz em uma significação, não toma forma nem corpo. Conseqüentemente, o educando não produz novas reflexões, limitando-se ao conteúdo passado em sala de aula. Há apenas uma memorização mecânica daquilo que é narrado.

Nesta metodologia de ensino, os educandos são vistos como “recipientes”, que devem ser preenchidos com conteúdo pelo educador. A educação é percebida como bancária porque se transforma no simples ato de depositar. Os educandos tornam-se os depositários, ao passo que o educador passa a ser o depositante (FREIRE, 1987). A partir da absolutização da ignorância, o educador é percebido como aquele que detém todo o conhecimento, enquanto os educandos nada sabem. Nesse sentido, nega-se que o aprendizado e o conhecimento devem ser construídos em conjunto, a partir das vivências e da realidade social do sujeito em aprendizado em um processo de busca constante.

Em contraposição à educação bancária está a “Pedagogia do Oprimido”, que reconhece a educação como humanista e libertadora, a partir dessa conciliação e da superação da contradição entre educador e educando, visto que ambos se encontram no processo simultâneo de ensinar e aprender. Nesse sentido, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p. 39).

O conteúdo deixa de ser narrado pelo educador e passa a ser objeto de reflexão para a construção do pensamento crítico de ambas as partes. Ao invés de constituírem-se como apenas recipientes a serem preenchidos, os educandos tornam-se investigadores críticos, em diálogo permanente com o educador problematizador, que é também um investigador crítico. É um processo reflexivo contínuo que produz um conhecimento crítico da realidade.

Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1987, p. 41).

Os educadores-educandos e os educandos-educadores passam juntos a exercerem a dinâmica do pensar e atuar. E passam a refletir, também, o seu lugar no mundo, reconhecendo os homens como sujeitos históricos, que vivenciam uma realidade inacabada, que é igualmente histórica. Na prática problematizadora da educação, os homens adquirem a percepção dos problemas colocados pela realidade em que se encontram, tomam consciência da situação e ao se apropriarem dela enquanto realidade histórica, se tornam capazes de transformá-la, percebendo-se enquanto sujeitos de sua própria ação (FREIRE, 1987).

Por meio da metodologia conscientizadora, o universo temático apresentado não é mais visto como um mundo à parte, descolado da realidade. A partir do ato de pensar, é possível fazer um trabalho dialético entre a abstração e o concreto, implicando em um “reconhecimento do sujeito no objeto (a situação existencial concreta) e do objeto como situação em que está o sujeito” (FREIRE, 1987, p. 55). Assim, ao mesmo tempo em que os homens refletem sobre a situação existencial, passam, também, a se reconhecerem nela e reconhecerem quais são os outros sujeitos inseridos na mesma circunstância.

O educador dialógico assume a tarefa de trazer esse universo temático como um problema e não como uma dissertação (FREIRE, 1987). Em outras palavras, isto significa dizer que cabe ao educador fazer perguntas para que os próprios sujeitos possam refletir e encontrar uma solução, a partir do processo dialético e autêntico de discutir e pensar.

Os modelos de aplicação do projeto apresentados aqui se utilizam da metodologia conscientizadora e libertadora da “Pedagogia do Oprimido”, principalmente por nosso objetivo central ser a capacitação de jovens para tornarem-se cidadãos conscientes dos processos políticos e do seu lugar no mundo. É somente percebendo o jovem como sujeito pensante com potencial criativo, que esta tarefa é possível de ser concretizada.

O intercâmbio de ideias e de conhecimentos que acontece entre os secundaristas e os graduandos promove a autoformação de ambos como agentes de transformação da realidade, em busca de uma sociedade mais igualitária. Contudo, em março de 2020, fomos obrigados a paralisar nossas atividades presenciais e pensar em novas abordagens para o projeto, que serão apresentadas na seção seguinte.

2

ATIVIDADES REMOTAS DO PROJETO

A pandemia de COVID-19 impactou diretamente o ambiente educacional em todo o mundo, alcançando o Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas. Os três modelos que citamos na seção anterior foram desenvolvidos para atividades presenciais de aplicação em sala de aula ou auditórios que não mais poderiam ser utilizados por conta da necessidade de conter o avanço do coronavírus. O Governo do Estado do Rio de Janeiro publicou no Diário Oficial do dia 13 de março de 2020, o Decreto nº 46.970 para tratar das medidas temporárias para o enfrentamento da pandemia, suspendendo as aulas das redes pública e privada no estado.

Por isso, tínhamos a necessidade de nos adequar a essas mudanças para continuar com nosso objetivo de compartilhar o conhecimento político-cidadão com as instituições públicas de ensino da rede estadual. Novas estratégias foram pensadas para garantir a continuidade do projeto e preservar a qualidade do repasse de informação. As reuniões entre os coordenadores do projeto e os estudantes-membros, tanto bolsistas quanto voluntários, se mantiveram regulares, sendo realizadas por aplicativos de videoconferência.

O primeiro consenso atingido foi estipular uma revitalização das redes sociais, como Instagram e Facebook, bem como uma atualização na interface do site e a criação de contas próprias para YouTube e Twitter. Para promover essa transição para o ambiente virtual, um vídeo de apresentação foi gravado com os coordenadores do projeto. A partir deste momento, buscamos converter o material base do projeto (a cartilha do projeto Ciência Política nas Escolas) em vídeos gravados pelos estudantes-membros destinados ao nosso público-alvo, que continuava sendo estudantes do ensino médio.

No YouTube criamos um quadro voltado para o *feedback* das visitas aos colégios, trazendo relatos dos professores das instituições, dos estudantes das escolas e dos bolsistas do projeto que participaram das atividades presenciais nos anos anteriores, relembrando a dinâmica e pontuando a importância desses encontros para o fomento e o compartilhamento de informação. Destaca-se a entrevista ao Colégio Estadual Professor José de Souza Marques, publicada no dia 12 de setembro de 2020, mediada pelo professor Wallace Ferreira (CAp - UERJ) e que contou com a presença das professoras Cláudia Costa e Isabelle Gurgel para construir um panorama sobre a parceria do colégio estadual com o projeto de extensão. Como relata o professor Wallace:

[...] a atividade foi desenvolvida de uma forma distinta da que normalmente acontece com as aulas tradicionais [...] essa concepção de um monitor da UNIRIO ficar sentado junto com os estudantes, desenvolvendo um cartaz sobre um tema específico, para mim, foi fantástico. As fotos

mostram exatamente isso e dá para perceber no olhar, na interação de todos os presentes. Numa aula tradicional, a gente consegue ali 30, 40% de atenção, às vezes menos. E nesse tipo de atividade, a gente vê que tinha quase 100% [de atenção]. Então, esse modelo de atividade, a gente deve, inclusive, aprender para levar para as aulas cotidianas, para outras atividades e oficinas, enfim. Eu acho que o ganho é enorme, não só pra trabalhar a temática, como na metodologia aplicada (informação verbal).⁷

Na prática, no período pandêmico, os bolsistas puderam se dedicar novamente ao ensino ao gravarem os vídeos sobre temas distribuídos consoantes a área de atuação de cada membro do projeto. Planejamos o roteiro, gravamos os vídeos e os editamos para sua futura publicação, tornando essa experiência enriquecedora para os bolsistas, os voluntários, os membros anteriores do projeto e os professores da UNIRIO. Ao mesmo tempo, procuramos estabelecer contatos com novas escolas para expandir nossa rede de comunicações e verificar se era possível realizar as palestras de forma remota, enquanto a pandemia impedisse as atividades presenciais.

A meta foi atingida ao ministrarmos um “Aulão Virtual” no dia 18 de outubro de 2021, no Colégio São Paulo, localizado em Ipanema (RJ). Esse evento, em específico, possibilitou o retorno a uma sala de aula, mesmo que à distância, proporcionando um sinal positivo para os esforços despendidos até então. Também foi o primeiro colégio da rede particular a nos receber. Com a mediação do coordenador do projeto, quatro bolsistas conduziram a aula, que abordou os seguintes tópicos: “o que é política?”, “políticas públicas” e “comportamento eleitoral”.

Utilizando a capacidade de comunicação do Instagram, foram elaboradas publicações com explicações e resumos dos textos que disponibilizamos no YouTube, permitindo que o Instagram se tornasse um novo centro de informação das nossas atividades. Além disso, o Instagram passou a ser a principal ferramenta

⁷Wallace Ferreira, em entrevista concedida ao Projeto de Extensão Ciência Política nas Escolas, em 2020. A entrevista pode ser acessada na íntegra através do seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=7sf0_wKEq8Y>. Acesso em: 22 nov. 2022.

de chamadas/convites para os eventos futuros, que contavam com pequenas prévias dos vídeos e a respectiva “arte” com informações sobre o tema a ser apresentado.

Essa transição para o virtual foi um desafio para o projeto, uma vez que o ensino remoto traz consigo uma série de limitações que devem ser levadas em consideração. O acesso à internet é uma dessas variáveis, já que não são todos os alunos que contam com uma conexão ou pacote de dados suficiente para assistirem às aulas, bem como o próprio aparelho eletrônico (*smartphone*, *tablet* ou computador). Outra dificuldade observada foi manter um isolamento acústico, pois o barulho atrapalhava os estudantes tanto a escutarem quanto a serem escutados.

Mais informações sobre a transição do projeto para a internet podem ser obtidas no artigo que publicamos em 2020, na Revista “Raízes e Rumos”, com o título “Projeto de Extensão ‘Ciência Política nas Escolas’: adaptação e oportunidades de crescimento em tempos de pandemia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível verificar a relevância dos pilares da universidade pública, especialmente da extensão, modalidade na qual o projeto Ciência Política nas Escolas, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, promove atividades voltadas para o ensino de temas da Ciência Política para estudantes de escolas públicas de ensino médio, na rede estadual do Rio de Janeiro. Com o intuito de levar o conhecimento político-cidadão, o projeto esteve em diversas instituições de ensino na região metropolitana, sobretudo em locais distantes do centro econômico-social, como a Zona Oeste do município e a baixada-fluminense.

Considerando os modelos educacionais desenvolvidos por Paulo Freire (1987), buscamos compartilhar conhecimentos, levando em consideração que no ato

de ensinar, tanto os bolsistas do projeto como os coordenadores responsáveis pelas aulas, também aprendem por meio do contato com realidades distintas. Esse saber, alinhado com as particularidades de cada indivíduo, promove um diálogo único e importante, mesclando a visão acadêmica – muitas vezes difícil de alcançar a população, especialmente os mais jovens – com a vivência dos envolvidos.

Os três principais modelos educacionais desenvolvidos pelo projeto Ciência Política nas Escolas seguem essas premissas, com palestras, oficinas e minicursos, que são baseados no material didático elaborado em conjunto por bolsistas e docentes da Escola de Ciência Política, com linguagem acessível e com temas fundamentais, que buscam estimular a conscientização política dos secundaristas. As visitas realizadas nas escolas se mostraram exitosas, impactando positivamente os que estiveram presentes nos eventos.

Com a pandemia de COVID-19, o projeto passou por algumas transformações. Foi necessária a transição para o ambiente virtual, com a elaboração de vídeos explicativos dos temas do material didático e o desenvolvimento de novas atividades, como entrevistas com os professores e estudantes das escolas visitadas, como também o advento de aulas virtuais. Contudo, a adaptação para a modalidade virtual teve que levar em consideração o fato de que muitos estudantes precisam lidar com limitações do ensino remoto, que englobam desde a necessidade de possuir equipamentos eletrônicos, como ter um ambiente adequado para participar das aulas.

Apesar desses obstáculos, o projeto conseguiu aprimorar suas atividades com criatividade e esforço para garantir que, mesmo com as barreiras impostas pela pandemia, fosse possível dar continuidade às nossas atividades. A receptividade nas escolas foi satisfatória e o nosso compromisso com uma educação transformadora seguiu como a base para o método educacional que desenvolvemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODART, Cristiano das Neves; LOPES, Gleison Maia. A Ciência Política nas Propostas Curriculares Estaduais de Sociologia para o Ensino Médio. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v. 1, n. 1, p. 131-152, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/36>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BODART, Cristiano das Neves; OLIVEIRA, Rafaela Reis Azevedo de. O lugar do ensino de Sociologia no novo currículo de Alagoas. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v. 6, n. 1, p. 48-78, jan./jun., 2022. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/390>. Acesso em: 10 dez.

BRASIL. MEC, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. *Ações Socioeducativas na Política de Assistência Social*. Brasília: Departamento de Proteção Social Básica de Assistência Social, 2014.

CIÊNCIA POLÍTICA NAS ESCOLAS. *Entrevista Colégio Estadual Nova América*. YouTube, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l1-C23houhg>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CIÊNCIA POLÍTICA NAS ESCOLAS. *Entrevista Colégio Estadual José Souza Marques*. YouTube, 12 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7sf0_wKEq8Y&t=1s. Acesso em: 22 nov. 2022.

COELHO, André Luiz; BATISTA, Cristiane; MATTOS, Dellano; FANTUZZI, Lucca; DEGANI, Matheus. *Projeto de Extensão “Ciência Política nas Escolas”*: adaptação e oportunidades de crescimento em tempos de pandemia. *Revista Raízes e Rumos*, vol. 8, nº 1, p. 48-68, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2317-7705.2020.v8i1.48-68>. Acesso em: 27 nov. 2022.

COSTA, Carolina Resende; TEIXEIRA, Anna Gabriela; SOUZA, Mariana Moreira de. (2019). Extensão universitária: diretrizes para a prática docente. *Revista Científica Faculdade Unimed*, 1(1), 57-72. Disponível em: <https://revista.faculdadeunimed.edu.br/index.php/RCFU1/article/view/28>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. 23ª reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JÚNIOR, Alcides Leão Santos. *A extensão universitária e os entre-laços dos saberes*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2013.

LIMA, Luciano Barbosa de. Gestión y evaluación de participativa de políticas públicas: el caso de los presupuestos participativos. *Prismas: Dir., Pol. Publ. e Mundial*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 251-264, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/prisma/article/view/862/0>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Paulo Sávio. Extensão Universitária: uma nova relação com a administração pública. *Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

MIGUEL, Luis Felipe. Resgatar a participação: democracia participativa e representação política no debate contemporâneo. *Revista Lua Nova*, São Paulo, p. 83-118, 2017.

PORTAL GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA. *Jogo do Privilégio*, 06 fev. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jogo-do-privilegio/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

RIO DE JANEIRO. Decreto 46.970. *Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (COVID-19), do regime de trabalho do servidor público e contratado, e dá outras providências*. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ano XLVI, nº 047-A, 13 mar. 2020.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. *Parâmetros das ações socioeducativas: igualdade como direito, diferença como riqueza*. São Paulo: Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social e CENPEC, 2007. Disponível em: <https://www.sigas.pe.gov.br/files/03282018115835-acoes.socioeducativas.igualdade.como.direito.diferenca.como.riqueza.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SOUSA, Ana Luiza Lima. *A história da extensão universitária a partir de seus interlocutores*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 1995.

Recebido em: 16 dezembro de 2022.

Aceito em: 29 de dezembro de 2022.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

SANTOS, Ana Paulo Lima dos; COELHO, André Luiz; MATTOS, Dellano. As modalidades de ensino do Projeto de Extensão “Ciência Política nas Escolas”. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v. 6, n. 2, p. 116-134, 2022.